

Clarice Lispector

As vezes, quando vejo uma pessoa que nunca vi, e tenho algum tempo para observá-la, eu me encarno nela e assim dou um grande passo para conhecê-la. E essa intrusão numa pessoa, qualquer que seja ela, nunca termina, pela sua própria auto-acusação: ao nela me encarnar, compreendo-lhe os motivos e perdoo. Preciso de prestar atenção para não me encarnar numa vida perigosa e atraente, e que por isso mesmo eu não queira o retorno a mim mesmo.

Um dia, no avião... ah, meu Deus — implorerei — isso não, não quero ser essa missionária!

Mas era inútil. Eu sabia que, por causa de três horas de sua presença, eu por vários dias seria missionária. A magreza e a delicadeza extremamente polida de missionária já me haviam tomado. E com curiosidade, algum deslombamento e cansaço prévio que sucumbia à vida que vou experimentar por uns dias viver. E com alguma apreensão, do

ponto-de-vista prático: ando agora muito ocupada demais com os meus deveres e prazeres para poder arcar com o peso dessa vida que não conheço — mas cuja tensão evangélica já começou a sentir. No avião mesmo percebo que já comeci a andar com esse passo de santa leiga: então compreendo como a missionária é paciente, como se apaga com esse passo que mal quer tocar no chão, como se pisar mais forte viesse prejudicar os outros. Agora sou pálida, sem nenhuma pintura nos lábios, tenho o rosto fino e uso aquela espécie de chapéu de missionária.

Quando eu saltar em terra provavelmente já terei esse ar de sofrimento-superado-pela-paz-de-se-ter-uma-missão. E no meu rosto estará impressa a doçura da esperança moral. Porque sobretudo me tornei toda moral. No enquanto quando entrei no avião estava tão sadiamente amoral. Estava, não, estou! Grito-me eu em revolta contra os preconceitos da missionária. Inútil: toda a minha força está sendo usada para eu conse-

guir ser frágil. Finjo ler uma revista, enquanto ela lê a Bíblia.

Vamos ter uma descida curta em terra. O aeromoço distribui chicletes. E ela cora, mal o rapaz se aproxima.

Em terra sou uma missionária ao vento do aeroporto, seguro minhas imaginárias saias longas e cinzentas contra o despudor do vento. Entendo, entendo. Entendo-a, ah, como a entendo e ao seu pudor de existir quando está fora das horas em que cumpre sua missão. Acuso, como a missionarizinha, as saias curtas das mulheres, tentação para os homens. E, quando não entendo, é com o mesmo fanatismo depurado dessa mulher pálida que facilmente cora à aproximação do rapaz que nos avisa que devemos prosseguir viagem.

Já sei que só dai a dias conseguirei recomaçar enfim integralmente a minha própria vida. Que, quem sabe, talvez nunca te-

nha sido própria, se não no momento de nascer, e o resto tenha sido encarnações. Mas não: eu sou uma pessoa. E quando o fantasma de mim mesma me toma — então é um tal encontro de alegria, uma tal festa, que a modo de dizer choramos uma no ombro da outra. Depois enxugamos as lágrimas felizes, meu fantasma se incorpora plenamente em mim, e saímos com alguma alizez por esse mundo afora.

Uma vez, também em viagem, encontrei uma prostituta perfumadíssima que fumava entrefechando os olhos e estes ao mesmo tempo oltavam fixamente um homem que já estava sendo hipnotizado. Passei imediatamente, para melhor compreender, a fumar de olhos entrefechados para o único homem ao alcance de minha visão intencional. Mas o homem gordo que eu olhara para experimentar e ter a alma da prostituta, o gordo estava mergulhando no New York Times. E meu perfume era discreto demais. Falhou tudo.

Almada Negreiros

UMA FORÇA IRÔNICA

IRINEU GARCIA



almadanegreiros

Penso que a Uma Maior foi mesmo travé no final da primavera na península Ibérica, o Tejo por certo continuou desaguando menos harmoniosamente no Atlântico, penso mais que as estrelas não tiveram o mesmo brilho no Guedes-queir de las Estrelas. Um vento antiprimeravil, quase invernal, deve ter soprado do mirante do Parque de Monsanto, em Lisboa, e as geladeiras desappareceram do Pátio de los Naranjos, em Sevilha. Morreu um artista múltiplo, que dedicou toda a vida profunda a Portugal e Espanha. Um artista que teve função de liderança e terminou como mestre. José Sobral de Almada Negreiros, pintor, poeta, romancista, ensaísta, vitalista, bailarino, dramaturgo, conferencista. Foi uma das mais notáveis figuras do movimento modernizador da arte portuguesa, participando desde 1916 com marcante presença da vida cultural do seu país. Diziam-me em dezembro, Raul Solnado, em Lisboa, que no seu programa de televisão Zip-Zip, que criava e foi o de maior audiência em 1969 em Portugal, quando entrevistou Almada Negreiros superou de longe todos quantos tinha produzido. Almada deu um verdadeiro show, mostrando juventude e atualidade, como que demonstrando que poderia começar tudo de novo.

Sua participação pela modernização da arte portuguesa já é reconhecida da velha data, mas sua dimensão será ampliada, não pela morte, mas pelo desaparecimento de desmentidos, aliando-o com certeza como um autêntico mestre do moderno movimento artístico português ao longo dos últimos 50 anos. Sua obra será objeto de estudos, naturalmente reeditada ordenadamente, e então conheceremos um acervo que honra a língua portuguesa, na poesia e na prosa.

Sem dúvida é na pintura que mais participou o artista, pelo menos em Portugal. Sua primeira exposição foi em 1913, em Lisboa, quando um crítico escreveu comentando-a e Almada, não entendendo uma frase, procurou-o num dos cafés da Baixa. Encontrou-o e se apresentou, agradecendo os elogios mas pedindo que explicasse o sentido da frase: "Que Almada Negreiros não é um gênio — manifesta-se em não manifestar." O crítico sentiu medo sem jeito, e confessou: "Obe meu amigo, vou falar-lhe francamente. Eu não fui ver a sua exposição e não percebo nada de arte..." O crítico era Fernando Pessoa e veio daí a camaradagem entre os dois. Voto histórico por Jorge de Sena, em notas de *Páginas de Doutrina Estética*, o que mais tarde Almada me confirmou. Logo depois começou o rebuliço modernista do grupo de Orpheu, que reuniu três pintores, Almada Negreiros, Amadeu Sousa-Cardoso e Sá Earra, Flinor. De Almada e Sousa-Cardoso o Museu Gulbenkian possui alguns exemplares maravilhosos. De Santa Rita não existe nenhum, consta que mandou queimar sua obra antes de morrer, prematuramente, em 1918.

No primeiro número de Orpheu (1915) aparece Almada com uma série de pequenos poemas em prosa (*Prisos*) que em uma afirmação de seu talento para as letras. Como bem escreveu Maria Aliete Dores Galhos: "Almada Negreiros, a verdade fundamental da sua estética diz-la o seu ex-libris: *Restar a inocência*. E' um desses pequenos poemas que transcrevo:

CANÇÃO DA SAUDADE

Se eu fosse cego amava toda a gente. Não é por ti que dormo, em meus braços que sinto amor. Eu amo a minha irmã gêmea que nasceu sem vida, e amo-a e fantasia-la viva na minha idade.

Tu, meu amor, que nome é o teu? Disse onde moras, disse se vieste ou se já nasceste.

Eu amo aquela mão branca dependurada da amurada da galé que partiu em busca de outras galés perdidas em mares longínquos.

Eu amo um sábio que julgo ter visto em luz do fim do dia por entre as gentes apressadas.

Eu amo aquelas mulheres formosas que indolentes passaram a meu lado

e nunca mais os meus olhos pararam nelas.

Eu amo as cemitérios — as lajes são espessas vidraças transparentes, e eu vejo, delatadas em leitões floridos, virgens nuas, mulheres belas vindo-se para mim. Eu amo a noite, porque na luz fugida as silhuetas indecisas das mulheres indecisas que vivem em meus sonhos. Eu amo a lua do outro lado que eu nunca vi.

Se eu fosse cego, amava toda a gente. Sua originalidade fantasiosa e musical, uma doçura amorosa quase adocicada, marcando os 12 poemas em prosa entrelaçados com o título de *Prisos*, revelando o poeta mais escondido e mais agressivo dos componentes do grupo de Orpheu. Para o número três que acabou não saindo por dificuldades financeiras, Almada escreveu um poema que foi um Deus nos acuda na medida em que foi sendo conhecido: *Cena do Odio*. A mais violenta agressão que recebeu a burguesia portuguesa acomodada em estruturas arcaicas e com punhos de renda. Num poema extenso, enxuto e contundente, Almada denunciava uma batalha campal imaginária que é de arrepiar. Um pequeno fragmento de *Cena do Odio*:

"Ladram-Me a Vida por virô-La e só me deram Uma!
Hô-de lali-la por sina!
Hêi-de Poeta cantá-la em Gala sonora

Hêi-de Glória desanuá-la! (le dina!
Hêi-de guindaste lã-la Estingê do Vela pedestre onde Me querem vir!
Hêi-de trovão-clarim levá-La Luz às Almas-Noites do Jardim das Lágrima

Hêi-de bombo ruja-La pompa de Pôma (ma!
Hêi-de Funerária de Nimi!

Hêi-de alfanje-Mahoma Cantar Sodoma na voz de Nero!
Hêi-de ser Flus sem Virgem do Milagre, hêi-de ser Galop opiado e doído, opiado (le doído,

hêi-de de Atília, hêi-de Nero, hêi-de Eu, Sou Narciso do Mês Odio!

— O meu odío a Lanterna de Diogenes, é caputina de Diogenes, é caputina de Lanterna!
O Meu Odio tem troncos de Herodes, histérismos de Cleopatra, perneiras de (Catarina)!

O Meu Odio é Dilúvio Universal sem Arcas de Noé, só Dilúvio Universal! e mais universal ainda:

sempre a crescer, sempre a subir... até apagar o Sol!"

A extensão do poema não permite uma transcrição maior, mas a autoridade de Maria Aliete Dores Galhos dirá melhor de sua força:

"Cena do Odio é uma exposição de caricatura em que a impiedade violenta os traços e impede o humor. Cantiga de escárnio e maldizer de um tempo morto, confunde-se com o futurismo que parece exultar no seu exagerado ruído. Mas até o futurismo, nela, acaba por sobressair na mesma onda de desmoralização e desprezo proféticos. A estrutura e os elementos formais são correspondentes ao conteúdo. Desde a magia tumultuosa de palavras e máisculas, dividindo absurdamente uma negativa do eu, até a brutalidade da espasmódica investida de odío. Os versos parecem desordenados e sem nexo, a expressão exagera efeitos grotescos através de imagens cruéis e o vocabulário não rima perante nenhum epíteto, perante nenhum tabu. Inteira, a Cena do Odio é uma criação expansiva de fôlego, energia e organização."

Se a *Cena do Odio* foi uma tempestade, o vendaval ainda estava por vir. Com o desaparecimento de Orpheu, Almada publica o famoso e violentíssimo *Manifesto Anti-Dantes*, desafiando-o na vanguarda do modernismo português, e, não satisfeito, em abril de 1917, promove no Teatro São Luis uma *Conferência-Manifesto*, que foi outra bomba de efeito. Almada apresenta-se de macacão, com o objetivo de agredir, escandalizar, o que consegue facilmente. No dia seguinte à imprensa lisboeta, desmorteada pelo impacto do insulto e os gritos de Almada de "Sejam os Europeus!" abre suas primeiras páginas para criticar os "doídos" do Teatro Republica. Orpheu tinha desaparecido, mas estava completamente vivo. A tal ponto que João Caspar Ribeiro, o impiedoso crítico da geração de Orpheu, termina por confessar: "E hoje, à distância de 30 anos, até mesmo de um ponto-de-vista crítico se aceita, perfeitamente, o desdem provocador dos moços do Orpheu e da JORNADA do Teatro Republica (o atual São Luis), conscientes, afinal, de que o bom senso dos seus compatriotas era completamente improficuo, pois não existia no momento, em Portugal, qualquer corrente crítica suficientemente esclarecida para definir uma orientação aglutinadora à vida intelectual portuguesa."

Ainda em 1917 publica no *Portugal Futurista* (jornal que pretendia tornar-se o herdeiro de Orpheu, vindo pouco tempo, mas chegou a publicar trabalhos de vanguarda de Apollinaire e Blaise Cendrars) duas novelas, *A Engomada e Saltimbanco*, obras extremamente raras e valorizadas no mercado de alfarrabistas de Lisboa. Nas duas novelas Almada revela-se um seguro narrador, comprovando mais uma vez seu talento

na engenhosidade original de sua fantasia.

Em 1965 publicou uma plaqueta comemorativa ao advento de Orpheu, e como que rememorando sua atuação reafirma a sua conduta como artista de vanguarda: "Há dois séculos: o premeditado, forçado, decidido, à Cristo, e o outro estagnado, cadente, abismal. O que varre vendiões de Tempo, e dos vendiões no Tempo."

De 1919 a 1920 permaneceu em Paris estudando pintura. Retornando a Lisboa em 1921, publica *A Invenção do Dia Claro*, possivelmente seu livro mais conhecido. É uma deliciosa coletânea de poemas em prosa, onde o poeta repete sua técnica de originalidade e fantasia, e cada um com um colorido particular, não deixando nunca que o sentimentalismo desenganhe a ternura de sua lírica. Diria que *A Invenção do Dia Claro* é um álbum de aquarelas.

A Espanha, onde viveu alguns anos, marcou-o profundamente. Nas vezes em que com ele conversei percebi o quanto tinha integrado na sua sensibilidade a sua permanência em terra espanhola. Intelectualmente "Almada não se des-ganhou muito a se deter no assunto. Se falava de Sevilha, rápido procurava chegar a Madrid. Goçava sempre de histórias curtas. Lembrando Garcia Lorca, de quem foi amigo, contava ele:

— Houve uma ocasião de tomarmos juntos o pequeno almoço durante mais de um mês consecutivo. Um dia já na rua dirigiu-se a Federico um jovem enxuto como aço de navalha. Encostou-lhe o indicador ao peito e sentenciou: "Tens de fazer arte social!"

— Arte social? Federico puxou um esgarço que não tinha e cuspiu-o para o lado: "A arte é o social."

Depois de seu retorno a Portugal dedicou-se com afinco à pintura, e certamente é como pintor que sua obra é mais volumosa. Seus escritos de poeta e prosa, penso eu, serão reunidos agora. É provável que tenha muitos inéditos. Seu último livro data de 1956, é o romance *Nome de Guerra*, que segue a característica de sua obra, personalíssimo.

Como quase sempre depois da morte, Almada Negreiros será mais lembrado e mais conhecido do público porque sua "força irônica, grandiosidade formal, profundidade de visão, simplicidade total de uma expressão que reconquistou uma ingenuidade original, são aspectos de sua criação poética sempre vigorosa e elegante, de uma extrema capacidade de visionarismo plástico, aliada a uma nitidez linear de estilo, um estilo que equilibra o mais abstrato coloquialismo popular, e até líbico, com um poder de abstracionismo geométrico muito concorde com as orientações predominantes do seu entendimento plástico do mundo" — como bem escreveu Jorge de Sena.

Trago na memória sua casa na Rua São Felipe Neri, lembro seu olhar firme, seus gestos largos, a forma carinhosa como falava do Brasil que desejava ter conhecido sem formalidades nem receções, sua versatilidade de assuntos e sobretudo sua figura de artista.

Na última vez que o vimos (Oito Lira Resende, Claudio Melo e Sousa e eu) ele estava ótimo. Foi nos últimos dias de janeiro. Em abril, antes de começar a primavera, tinha completado 77 anos e antes que ela terminasse ele se foi. Penso que deve ter morrido num dia de sol, e tenho certeza de que ele a recebeu com a coragem que o acompanhou por toda a vida, como no poema de Manuel Bandeira:

— Aió, inuldivível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer,
A noite com seus sortilégios!
Encontrará lareiro o campo, a casa

A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.